



Relatório de Realização de Atividades

Produtor Cultural
Erimar José Dias e Cordeiro
CPF nº 032.471.654-01
CPC nº 3693/13

REALIZAÇÃO:

 o imaginário®

INCENTIVO:

FUNCULTURA

 **FUNDARPE**
FUNDAÇÃO DO PATRIMÔNIO
HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE
PERNAMBUCO

SECRETARIA
DE CULTURA

 GOVERNO DO ESTADO
Pernambuco
JUNTOS, FAZEMOS MAIS.

Apresentação

Este documento apresenta os resultados da pesquisa fomentada pelo projeto cultural *Mapeamento e Catalogação de Mestres em Cerâmica Artesanal do Espaço Mauriti - Cabo de Santo Agostinho - PE*, inscrito sob o número 1902/15, realizado entre junho e dezembro de 2016. Esta pesquisa foi apoiada pelo Governo do Estado de Pernambuco, por meio do Sistema de Incentivo à Cultura Fundarpe/Funcultura

Este trabalho é uma continuidade do projeto de pesquisa e mapeamento sobre a cerâmica do Cabo de Santo Agostinho, incentivado pelo Funcultura através do Projeto Cultural *Mapeamento do Artesanato em Cerâmica do Espaço Mauriti – Cabo de Santo Agostinho – PE* (Projeto 1564/13 do Produtor Tibério Tabosa), já finalizado; que teve como objeto o mapeamento e registro do artesanato em cerâmica do espaço Mauriti, visando a recuperação e preservação desta produção artesanal e de sua história contada por seus principais mestres artesãos.

Objetivo

Este projeto cultural teve por objetivo mapear, catalogar e registrar dados sobre os mestres emblemáticos da cerâmica artesanal do Cabo de Santo Agostinho, com relatos sobre a biografia, técnica produtiva e obra. A pesquisa tomou como referências as localidades do espaço Mauriti e do Centro de Artesanato Arquiteto Wilson Campos Júnior, devido à sua importância e representatividade histórico-cultural para a constituição da tradição dessa atividade artesanal para a localidade. O projeto também propunha a iniciativa de recuperação histórica e reprodução do acervo das peças emblemáticas destes mestres, com vistas a disponibilizar de forma permanente e acessível ao público.

A ação visou:

- Identificar os artesãos emblemáticos, reconhecidos como mestres entre seus pares e cuja obra seja representativa da tradição da cerâmica artesanal do Cabo de Santo Agostinho;
- Sistematizar a história profissional dos mestres, compreendendo seu papel formador e disseminador da técnica e tradição artesanal na localidade;
- Levantar e registrar as técnicas de produção artesanal e as peças representativas do percurso profissional de cada mestre artesão;
- Catalogar os dados relativos a mestre artesão e suas obras, de modo a iniciar a constituição de um acervo permanente e representativo da cerâmica artesanal do Cabo;
- Disponibilizar os resultados de catalogação para acesso ao público.

REALIZAÇÃO:



FUNCULTURA



SECRETARIA DE CULTURA

INCENTIVO:



GOVERNO DO ESTADO
Pernambuco
JUNTOS, FAZEMOS MAIS.

Equipe Técnica

Produtor Executivo

Erimar José Dias e Cordeiro

Pesquisadores

Laboratório O Imaginário

Erimar José Dias e Cordeiro

Virgínia Pereira Cavalcanti

Novos Rumos: Consultoria, Facilitação de Processos e Pesquisas

Tibério César Macêdo Tabosa

Captação de Imagens/Design Gráfico

Felipe Rodrigues Soares

Danyelle do Nascimento Marques

Colaboradores

Ana Carolina dos Reis Silva

Ana Maria Queiroz de Andrade

Vinícius Simões Botelho

Apresentação dos Pesquisadores

Laboratório O Imaginário

O Laboratório de pesquisa e design O Imaginário é vinculado à Universidade Federal de Pernambuco [Departamentos de Design e de Cultura], formado por professores, estudantes e técnicos de diversas áreas do conhecimento, que atuam com foco no design como instrumento a serviço da sustentabilidade ambiental, econômica e social. Quando direcionado à produção artesanal, as ações do laboratório visam contribuir para firmar a atividade artesanal enquanto meio de vida sustentável, através de intervenções que respeitem os valores culturais das comunidades produtoras de artesanato.

Com atuação na localidade desde o ano de 2003, desenvolveu uma série de ações junto aos artesãos e outros parceiros, para definir uma estratégia de abordagem que fortalecesse a produção artesanal da cerâmica utilitária no Cabo de Santo Agostinho.

Novos Rumos: Consultoria, Facilitação de Processos e Pesquisas

A Novos Rumos é uma empresa constituída em 2015 que tem por objetivo social realizar atividades de pesquisa e desenvolvimento nas áreas de ciências sociais e humanas, assim como a prestação de serviços de assessoria e consultoria voltadas ao campo da economia criativa, cultura e artes. A empresa assume a experiência e o portfólio de serviços executados pelo seu sócio proprietário, Tibério Tabosa.

REALIZAÇÃO:



FUNCULTURA



SECRETARIA DE CULTURA

INCENTIVO:



GOVERNO DO ESTADO
Pernambuco
JUNTOS, FAZEMOS MAIS.

Contextualização histórico-geográfica

A região do Cabo de Santo Agostinho é conhecida não só pelo seu litoral composto por belas praias, mas também pela sua rica história que remete aos tempos de engenhos. A história do Cabo também tem relação com inúmeras batalhas, onde os nativos indígenas, negros africanos e colonizadores europeus, lutaram pela soberania do lugar. A economia era centrada no desenvolvimento da monocultura da cana-de-açúcar; posteriormente surgem novas usinas e o Cabo passa a representar um dos poderios econômicos da Província de Pernambuco (LIRA, 2007). O município do Cabo de Santo Agostinho congrega atrativos turísticos e potencialidades econômicas que repercutem no desenvolvimento de todo o Estado; no entanto, mesmo com todo esse potencial o município apresenta índices que apontam a necessidade de geração de emprego e renda. Economicamente, o Cabo se beneficia da localização geográfica, de uma infraestrutura ferroviária, rodoviária e principalmente do Porto de Suape, para se estabelecer como o maior polo industrial de Pernambuco e um dos mais importantes complexos portuários do país. O Complexo Industrial e Portuário de Suape, situado nos municípios de Ipojuca e Cabo de Santo Agostinho, é uma importante entrada e saída naval para toda a Região Nordeste. Isso se torna um atrativo para empresas interessadas em colocar seus produtos no mercado regional ou exportar para outros países.

Histórico

Originalmente habitado pelos índios Caeté, historiadores afirmam que a história do município do Cabo de Santo Agostinho se inicia antes da chegada dos portugueses ao Brasil, já que em janeiro de 1500, o navegador espanhol Vicente Pinzón ancorou suas naus num porto abrigado e de fácil acesso a pequenas embarcações, cuja expedição espanhola denominou Cabo de Santa Maria de la Consolación. O referido porto seria a enseada de Suape, localizada na costa sul do município. A Espanha não reivindicou a descoberta que foi registrada por Pinzón, devido ao Tratado de Tordesilhas, assinado com Portugal. Em homenagem ao seu "descobridor", a prefeitura do Cabo de Santo Agostinho já nomeou eventos e lugares do município com o seu nome, inclusive, com intuito de dar as boas-vindas aos visitantes a entrada da cidade possui um monumento homenageando o navegador. Em 1501, a denominação Santo Agostinho foi dada pela expedição portuguesa, que chegou ao local no dia do referido Santo (28 de agosto). Os primeiros habitantes brancos chegaram ao município por volta do século XVI, fundando o povoado Arraial do Cabo, cujas marcas desse povoamento são as construções antigas que ainda podem ser observadas, como as Igrejas Matriz de Santo Antônio, Santo Amaro, Nossa Senhora do Livramento e antiga Capela do Rosário dos Pretos (hoje Praça Théo Silva).

Em 1622 foi criada a Freguesia de Cabo de Santo Agostinho, sendo esta elevada à categoria de vila em 27 de julho de 1811, com a denominação de Vila do Cabo de Santo Agostinho. No ano seguinte se desmembrou do município de Recife, com instalação dada pelo ouvidor e corregedor-geral da Comarca de Recife, Doutor Clemente Ferreira de França. Apenas em 09 de julho de 1877 a vila foi elevada à categoria de cidade através da lei provincial nº 1.269, para a denominação de Cidade de Santo Agostinho. O desenvolvimento econômico do município deu-se a partir de 1570, na monocultura da cana-de-açúcar e em 1571, ao sul do Rio Araçuaçu (Pirapama), foi fundado o primeiro engenho banguê, chamado de Madre de Deus (hoje conhecido como Engenho Velho) – o mais antigo centro açucareiro da região. Com a criação de novos engenhos ao longo do tempo, o Cabo passou a representar o poderio econômico da Província de Pernambuco, época em que a cana-de-açúcar representava a força de crescimento do país.

REALIZAÇÃO:



FUNCULTURA



SECRETARIA DE CULTURA

INCENTIVO:



GOVERNO DO ESTADO
Pernambuco
JUNTOS, FAZEMOS MAIS.

Área e População

Segundo o IBGE, em 2015, pouco mais de 200 mil habitantes residiam no município, o que representava 2,10% da população do Estado de Pernambuco. O município tem 448,735 km², o que representa 0,46% da área do estado de Pernambuco e densidade demográfica de 446,91 habitantes/km². Além da sede, o município tem como distritos Juçaral, Ponte dos Carvalhos e Santo Agostinho. É composta ainda pelos povoados Pirapama, Vila das Mercês, Gurjaú, Usina Liberdade e Usina Bom Jesus. Possui uma orla com cerca de 24,1 km que compreende as praias do Paiva, Itapuama, Pedra do Xaréu, Enseada dos Corais, Gaibú, Calhetas, Paraíso e Suape. A área rural do município possui função ambiental importante, uma vez que abriga mananciais para abastecimento de água da Região Metropolitana do Recife, possuindo inúmeras barragens como as de Utinga, Pirapama e Gurjaú. Último município da Região Metropolitana do Recife, o Cabo de Santo Agostinho faz divisa com os municípios de Moreno e Jaboatão dos Guararapes ao norte, Ipojuca e Escada ao sul, Vitória de Santo Antão ao Oeste e com o Oceano Atlântico ao leste.

Economia

No passado, o município era bastante dependente da monocultura da cana-de-açúcar, porém a atividade começou a perder importância no fim da década de 70, com a criação do Complexo Industrial e Portuário de Suape. A indústria passou a ser o setor mais relevante na economia cabense, representando cerca de 55% da economia. Os setores comercial e de prestação de serviços detém cerca de 44% da economia do Cabo de Santo Agostinho, empregando mais de 16 mil pessoas. Em 2009 foi inaugurado no município o primeiro shopping, o Costa Dourada, contando com cerca de 100 lojas. Segundo dados do CONDEPE/FIDEM em 2010, cerca de 72% da população do município tinha rendimento mensal inferior a dois salários mínimos, sendo que 40,47% destes, não possuíam quaisquer rendimentos. Dados do Portal da Transparência, mostram que a transferência de renda diretamente às famílias do município atendidas pelo Programa Bolsa Família em 2010 foi de R\$ 20.751.373,00, o que equivale a 14,31% do total de recursos destinados a ações governamentais no município do Cabo de Santo Agostinho e 0,46% do seu Produto Interno Bruto per capita no referido ano. O número de pessoas beneficiadas pelo Programa neste ano foi de 23.088 pessoas, representando 12,48% da população total do município.

Turismo

Importante destino turístico, o Cabo de Santo Agostinho possui como opções de lazer diversas praias, algumas com piscinas naturais de águas transparentes e mornas, ótimas para a prática de mergulho, outras que possuem ondas e ventos fortes - ideais para a prática de surf e outros esportes náuticos. Além das praias, o município possui como opções de turismo e lazer, visitas a reservas ecológicas, a manguezais, a coqueirais, mirantes e falésias; passeios em trilhas e banho de argila. O município possui diversos monumentos históricos, como engenhos, igrejas e conventos, ruínas, dentre outros.

Indicadores

IDH do Estado	0,673
IDH do Município	0,686
Extensão territorial em km ²	448,735 km ²
Distância da capital	33,3 km
Quantidade de habitantes no município	200.546
Quantidade de habitantes residentes na cidade	167.783
Esperança de vida ao nascer	73,74 anos

Tabela 1. Indicadores socioeconômicos do Município do Cabo.

Fonte: IBGE, 2015

REALIZAÇÃO:



FUNCULTURA



SECRETARIA DE CULTURA

INCENTIVO:



GOVERNO DO ESTADO
Pernambuco
JUNTOS, FAZEMOS MAIS.

Trajetória histórica da Cerâmica no Cabo

A história da produção utilitária em cerâmica no Cabo de Santo Agostinho remonta aos tempos da colonização. Durante séculos, as olarias de propriedade dos engenhos produziram apenas tijolos e telhas para atender, exclusivamente, às necessidades da principal atividade econômica da zona da mata sul de Pernambuco. A história da produção cerâmica do Cabo ganha força quando essas olarias se tornaram independentes dos engenhos e começaram a produzir peças para comercializar na região. A comercialização do excedente destas moringas, jarras, panelas, potes, alguidares e pratos de curau permitiu que os oleiros ou artesãos fossem conquistando, pouco a pouco, a sua autonomia.

Um contexto deste início das olarias no Cabo é descrito por Lira, 2007:

“Nessa época, havia poucas olarias, segundo rememoram os mais velhos: a olaria de Sindô, Manuel da Paz e Eliotério Nascimento Paz; e a olaria de um português chamado Henrique Almeida, que produzia apenas manilhas de barro. As terras onde existiram essas olarias pertenciam ao Engenho Igarapu, que fazia parte da Usina Santa Inácia, onde hoje se encontram as olarias de Celestino e Zezé, entre outras”



Figura 1. Celestino José Mota Filho – Seu Celé.
Fonte: Acervo Laboratório O Imaginário, 2004

REALIZAÇÃO:



FUNCULTURA



SECRETARIA DE CULTURA



GOVERNO DO ESTADO
Pernambuco
JUNTOS, FAZEMOS MAIS.



*Figura 2. Grupo de ceramistas do Mauriti.
Fonte: Acervo Laboratório O Imaginário, 2004*

Depoimentos de antigos artesãos revelam que no início do século XIX as pequenas fábricas de cerâmica já eram mais conhecidas pela alcunha de seus mestres oleiros do que pelo vínculo com os engenhos da região. Já nos anos de 1970, a partir da introdução de novas tintas e vernizes na cerâmica utilitária e nos objetos artesanais confeccionados no Cabo de Santo Agostinho, a produção da cerâmica artesanal teve um crescimento significativo, sobretudo na olaria de Seu Celé, no Mauriti. O aumento pela demanda da produção impulsionou o surgimento de novas olarias.

Unidades de Análise da Pesquisa

Como estratégia do estudo de caso, as ações de pesquisa foram focadas em duas localidades, o Espaço Mauriti e o Centro de Artesanato Arq. Wilson Campos Jr., com suas relevâncias históricas e sociais descritas a seguir.

Espaço Mauriti

O Mauriti começa a se constituir como território de produção da cerâmica artesanal do Cabo quando Celestino José Mota Filho, o Seu Celé, em janeiro de 1971, retorna do Ceará. Após residir lá por quatro anos acompanhado de seu pai e toda a sua família, Seu Celé se estabelece numa antiga vacaria, que é transformada em galpão, abrindo assim a primeira olaria do local. Pouco tempo depois o seu pai também retornaria do Ceará e se incorporaria ao negócio.

Para diferenciação, ao longo deste relatório, Celestino José Mota Filho será referenciado como Seu Celé; em contraponto a seu pai Celestino José Mota, que será citado como Celé Velho, como alguns artesãos que conviveram com ele o chamavam.

REALIZAÇÃO:



FUNCULTURA



SECRETARIA
DE CULTURA

INCENTIVO:



GOVERNO DO ESTADO
Pernambuco
JUNTOS, FAZEMOS MAIS.



Figura 3. Área aproximada do terreno adquirido para construção da olaria.
Fonte: Google Maps, 2012

Seu Celé passa a ser um disseminador da técnica e apoiador da iniciativa de outros moradores locais na instalação de olarias. Já no final da década de 70 e início de 80, a produção cerâmica do Cabo atinge seu auge com duas dezenas de unidades produtivas funcionando no local e uma variedade de produtos que iam desde telhas e tijolos, objetos utilitários, tais como moringa e filtros de água até objetos decorativos.



Figura 4. Filtros de água típico produzido no Cabo.
Fonte: Acervo Laboratório O Imaginário, 2016

A produção estava crescendo e apenas a cerâmica do Seu Celé e seu pai ocupava um espaço de mais de mil metros quadrados, empregando em seu ápice 56 pessoas, entre oleiros, ajudantes, carregadores e motoristas. Entretanto, começaram a acontecer uma série de problemas relacionados com o

REALIZAÇÃO:



FUNCULTURA



SECRETARIA
DE CULTURA

INCENTIVO:



GOVERNO DO ESTADO
Pernambuco
JUNTOS, FAZEMOS MAIS.

fornecimento do barro, especialmente pela apropriação das terras onde ficavam as jazidas de barro pela administração de Suape. Isto iniciou a reserva de áreas para utilização no complexo portuário, ao mesmo tempo que houve a fiscalização e proibição do uso de lenha de mata nativa pelo IBAMA. Isto afetou muitos dos produtores, reduzindo a produção.



*Figura 5. Filtros em produção massiva.
Fonte: Acervo Laboratório O Imaginário, 2004*

Aliada às dificuldades de produção, a demanda pela produção começou a decrescer no início dos anos 90. A qualidade das peças já não condizia com os padrões estabelecidos pelo mercado e a escassez de novos produtos dificultava a manutenção das vendas. Em 2015, muito da antiga estrutura de máquinas de processamento de barro, fornos, galpões e tornos já não existiam no Mauriti, que cedeu espaço para casas e garagens. Outrora fonte geradora de emprego e renda para muitas famílias, a principal atividade produtiva da área já era quase inexistente no local e o Mauriti se converteu numa área basicamente residencial.



*Figura 6. Forno de queima da cerâmica (esq.) e área de produção em uma olaria do Mauriti.
Fonte: Acervo Laboratório O Imaginário, 2004*

REALIZAÇÃO:



FUNCULTURA



SECRETARIA
DE CULTURA



INCENTIVO:

GOVERNO DO ESTADO
Pernambuco
JUNTOS, FAZEMOS MAIS.

Considerando que as casas foram se formando ao redor das olarias, como moradias de seus trabalhadores, é interessante perceber que estes próprios moradores passaram a pressionar contra as olarias em função da fumaça dos fornos. A construção de casas e garagens também dificultou o acesso de caminhões que levavam a argila e levavam as peças para comercialização.

Em 2016, apenas Percivânio da Silva Santana, o Vaninho, é o único que ainda permanece produzindo no Mauriti, mas está encerrando as atividades em breve.

Centro de Artesanato

A situação de desinteresse pela produção cerâmica local só foi alterada a partir de 2003, quando o Laboratório O Imaginário, em parceria com o Sebrae, definiu junto aos artesãos e outros parceiros uma estratégia de ação que fortalecesse a produção artesanal da cerâmica no Cabo de Santo Agostinho.

As ações para melhorias no desenvolvimento de produtos, nos processos de produção e no apoio a comunicação e a comercialização das peças cerâmicas artesanais, mobilizaram esforços de empresas, instituições e da comunidade, o que retomou a valorização da atividade artesanal no Cabo de Santo Agostinho. A materialização desse esforço se concretizou no ano de 2007 quando foi construído, pela Prefeitura do Município em parceria com o Banco do Nordeste e o Laboratório O Imaginário, o Centro de Artesanato Arq. Wilson Campos Júnior, espaço localizado às margens da PE-60, via de circulação turística ao litoral sul do Estado.



*Figura 7. Fachada do Centro.
Fonte: Acervo Laboratório O Imaginário, 2014*

A ampliação do portfólio de produtos ofertados para diferentes segmentos de mercado geraram maiores oportunidades de venda e rentabilidade para os artesãos. Em maior número e com melhor organização, tiveram a oportunidade de concretizar pedidos maiores e divulgar os trabalhos de forma mais eficiente. Tais ações, aliadas ao novo espaço, convergiram em premiações, como o Top 100 Sebrae de Artesanato, obtidos nos anos de 2009, 2012 e 2016.

O Centro de Produção Artesanal, no entanto, não visou substituir o Mauriti, que continuou abrigando ainda muitos oleiros e mestres artesãos por alguns anos. O espaço de produção foi projetado para

contemplar as etapas de modelagem, secagem, queima, esmaltação e estoque de produtos acabados. Eventualmente também se tornou um local de comercialização das peças e espaço de treinamentos e reuniões. As ações foram empreendidas com apoios e parcerias diversas, como Ministério da Ciência e Tecnologia, Copergás, Senai, Aerpa, Banco do Nordeste, Roca, Sebrae e, mais recentemente, Petrobras.

O Centro também possibilitou mudanças fundamentais no processo produtivo, como fornos de maior eficiência e menor impacto ambiental, alimentados por gás natural e também fornos elétricos, que permitiram a vitrificação das peças. Outros modos de conformação também foram agregados, como colagem de barbotina e modelagem manual; o que resultou na ampliação do portfólio de produtos.



Figura 8. Equipe do Centro junto à equipe do Laboratório O Imaginário.
Fonte: Acervo Laboratório O Imaginário, 2014

Metodologia da Pesquisa

A metodologia de abordagem selecionada para esta pesquisa foi a dialética, uma vez que é considerada conveniente para o estudo da realidade social, pois fornece as bases para uma interpretação mais dinâmica e totalizante da realidade (DEMO, 1995). A dialética pressupõe que a pesquisa sobre fenômenos e fatos sociais precisa necessariamente considerar o contexto de entorno, como as condicionantes históricas, políticas, econômicas e sociais.

Como métodos de procedimento, foram adotados o *histórico* e o *estudo de caso*. O método histórico se debruça sobre o estudo de acontecimentos, processos, fatos e fenômenos do passado. Nesse caso, a recuperação da história dos mestres fundadores do espaço Mauriti e instituição do Centro de Artesanato Arquiteto Wilson Campos Júnior foi fundamental para compreender o movimento social de transformação da atividade artesanal em cerâmica e reconhecer o valor histórico de seus mestres artesãos. O espaço de tempo delimitado foi recortado a partir da instituição da atividade artesanal no Mauriti, por volta do final da década de sessenta.

O estudo de caso foi utilizado para circundar os fatos e fenômenos, neste caso, a biografia artesanal dos mestres pesquisados. O estudo de caso se caracteriza pela capacidade de lidar com uma completa variedade de evidências - documentos, artefatos, entrevistas e observações (YIN, 2001).

REALIZAÇÃO:



FUNCULTURA



SECRETARIA DE CULTURA

INCENTIVO:



GOVERNO DO ESTADO
Pernambuco
JUNTOS, FAZEMOS MAIS.

A estrutura metodológica da pesquisa foi organizada da seguinte forma:

Levantamento dos mestres artesãos emblemáticos e representativos da Cerâmica artesanal do Cabo (pelo menos 03 – três)

- Rastrear através de acervos públicos os principais mestres da história do artesanato do Cabo de Santo Agostinho, especificamente do espaço Mauriti e Centro de Artesanato Arquiteto Wilson Campos Júnior;
- Identificar, por meio do reconhecimento de seus pares, os mestres do Cabo de maior representatividade da técnica artesanal cerâmica;
- Selecionar os mestres do espaço Mauriti e Centro de Artesanato Arquiteto Wilson Campos Júnior que contribuíram para a formação da história do lugar;

Registro do percurso histórico dos mestres artesãos em cerâmica artesanal em documento digital (áudio e vídeo)

- Levantar a história dos mestres e seu legado junto a cerâmica do Cabo;
- Registrar, por meio de registro oral e por imagem, as histórias dos mestres e sua contribuição para a cerâmica artesanal do Cabo;

Registro e catalogação de técnicas de produção artesanal x peças emblemáticas x mestres artesãos em documento digital (áudio e vídeo) para formatação de acervo permanente

- Levantar técnicas de produção artesanal dos mestres e seu legado – peças emblemáticas e técnicas de produção artesanal;
- Registrar o fazer artesanal, suas técnicas de produção e as peças emblemáticas da cerâmica artesanal;
- Catalogar a relação entre mestres x obra x técnica com vistas a produção de acervo permanente.

Disponibilização de documento digital para o público em geral e pesquisadores do assunto

- Sistematização das informações;
- Redação do relatório técnico e de catalogação;
- Disponibilização do relatório em formato digital.

Análise histórica

Segundo Freitas (2006), história oral é um método de pesquisa que utiliza a técnica de entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana. Sua principal técnica de coleta de dados é a entrevista de história oral, de onde se obtém depoimentos dos entrevistados.

Segundo Vergara (2008), algumas das principais características das entrevistas de história oral são as seguintes:

- Permite reconstituir redes de relação, padrões de socialização, trajetórias de instituições, de comunidades e de indivíduos;
- Privilegia a recuperação do vivido, conforme concebido por quem viveu;
- Requer do pesquisador experiência e conhecimento prévio sobre a temática ou a história de vida do entrevistado, na medida em que o resultado da entrevista é construído pelo

REALIZAÇÃO:



FUNCULTURA



SECRETARIA DE CULTURA

INCENTIVO:



GOVERNO DO ESTADO
Pernambuco
JUNTOS, FAZEMOS MAIS.

entrevistador e pelo entrevistado. Além disso, exige sensibilidade para captar temas emergentes, que podem ser relevantes para os propósitos da pesquisa;

- Há o risco de o entrevistado evitar determinados temas, em virtude de seu depoimento estar sendo gravado.

Os mestres artesãos, ao contarem um pouco de si, do local, de suas histórias, das formas de fazer e as transformações ocorridas ao narrar suas lembranças, não estão apenas construindo suas memórias particulares, mas a memória coletiva do lugar, da técnica e do próprio grupo produtivo ao qual pertence.

Essa articulação entre a memória individual e coletiva é explicada por Halbwachs (1990), que entende a memória como resultado da relação dos indivíduos em seus grupos sociais. Ao invés de estudar a memória em si, isolando no indivíduo e colocando-a cada vez mais distante do social, Halbwachs propõe-se a analisar os “quadros sociais”. A lembrança individual passa a estar relacionada com os grupos e instituições às quais o indivíduo pertence, sendo estes a família, a classe social, a escola, a igreja ou o trabalho.

Diante disso, o que se percebe é que quando lembramos é porque os outros, a situação presente, nos fazem lembrar, pois na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, é refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje as experiências do passado. Este autor considera que a menor alteração do ambiente atinge a qualidade da memória e amarra a memória da pessoa à do grupo; e, ainda, que a linguagem é o instrumento decisivamente socializador da memória (PINEZI et al, 2014).

Como fatos e fenômenos importantes, a prática da pesquisa e validação junto aos artesãos ao longo de todo o processo com entrevistas e reuniões, nos levou a considerar os fatos relevantes, os principais atores sociais individuais ou coletivos envolvidos, os impactos e resultados, o portfólio de produtos, as contradições e os problemas enfrentados e os modos de fazer e suas técnicas tradicionais.

Técnicas de Pesquisa

Para a realização das ações realizadas na pesquisa de campo foram utilizadas algumas técnicas de pesquisa: entrevistas com os mestres artesãos, partindo da escolha deles até o registro audiovisual; e a produção, seleção e guarda das peças emblemáticas, com perspectivas futuras de formar um acervo material histórico da cerâmica do Cabo.

Coleta de documentos

Fonte de coleta restrita a documentos sendo de suma importância ao estudo de caso, pois pode ser útil a todos os tópicos e assumir muitas formas: cartas, memorandos, fotografias, entre outros. Os documentos adquiridos auxiliaram no processo de aquisição das informações e imagens sobre os aspectos culturais, enfocando a história.

Dentro do método de procedimento histórico utilizado nesta pesquisa, foi feita uma pesquisa bibliográfica (livros, artigos e publicações acadêmicas) e documental (base de dados do Laboratório O Imaginário, internet, arquivos de instituições), como defendido por CAUDE (2001). De posse desta base foram realizadas entrevistas semi-estruturadas; o objetivo era a construção de um espaço de valorização das narrativas dos mestres artesãos.

REALIZAÇÃO:



FUNCULTURA



SECRETARIA DE CULTURA

INCENTIVO:



GOVERNO DO ESTADO
Pernambuco
JUNTOS, FAZEMOS MAIS.

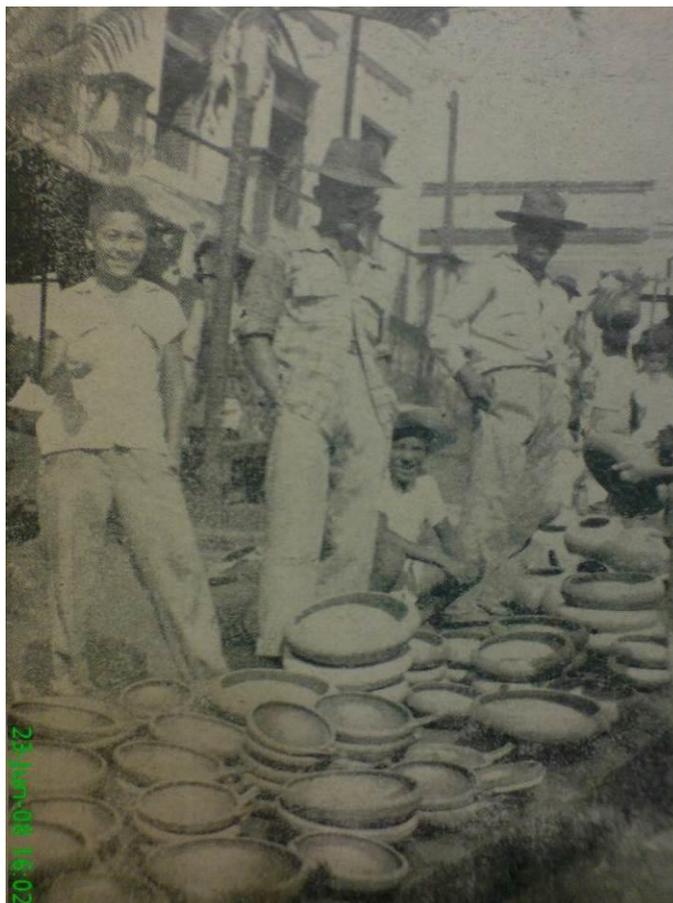


Figura 9. Foto antiga de seu Celé, com aproximadamente 12 anos (à esquerda), seu pai (ao centro) e o ajudante, de apelido “Sopa” (à direita) vendendo peças na feira.

Fonte: Cortesia de Dr. João Sávio, publicado em rede social e disponibilizado para a pesquisa por Sônia Mota, 2016

Entrevistas

Definida como um procedimento interrogativo, trata-se do encontro entre duas pessoas, entrevistado e entrevistador, para que o este obtenha informações sobre determinado assunto. Para estas entrevistas, foram utilizados questionários e gravações.

Foi estabelecida uma estrutura de perguntas e um roteiro de gravações, conciliando local e horário disponíveis pelos participantes para as entrevistas. As entrevistas com os mestres foram a linha-mestra desta pesquisa, contando a trajetória profissional de cada um, cruzando marcos históricos em comum e elencando as diferenças.

REALIZAÇÃO:



FUNCULTURA



SECRETARIA DE CULTURA

INCENTIVO:



GOVERNO DO ESTADO
Pernambuco
JUNTOS, FAZEMOS MAIS.



Figura 10. Entrevista com mestre Uruda.
Fonte: Acervo Laboratório O Imaginário, 2016

As entrevistas foram gravadas, com a anuência dos envolvidos, para compor o vídeo editado que acompanha este relatório. Além dos mestres, também foram consultadas pessoas de conhecimento histórico que referendam os artesãos selecionados, assim como jovens ceramistas que seguem estes passos.

Observação direta

Conduz à observação realizada diretamente no local investigado, sendo útil para fornecer informações adicionais em ocasiões em que se está coletando outras evidências. A observação direta esteve presente em todos os momentos pesquisados junto à comunidade, auxiliando no registro das informações de cada etapa.

Captura de Imagem, Sons e Modos de Fazer

Ao longo das entrevistas, foram capturados imagens e sons que resultaram na geração de um conteúdo em vídeo. As imagens e os sons permitem a realização de leituras das experiências vividas, dos conflitos, das representações e dos imaginários. Além disso, as produções audiovisuais têm sido frequentes, não apenas como registros dos trabalhos de campo, mas também como formas alternativas de construção de narrativas sensíveis sobre o universo cultural investigado (BAUER, 2008).

O autor Canevacci (2001), baseado nas imagens e nos sons, propõe a construção de uma metodologia que dê conta das “biografias culturais” dos lugares e dos atores sociais que os habitam ou frequentam. Por sua vez, Martins (2008) elabora por meio de suas leituras imagéticas, uma reflexão metodológica que aponta indícios de relações e representações sociais que articulam atores sociais e seus repertórios, passados e presentes.

As pesquisas e levantamentos foram validados com os mestres artesãos ao longo de todo o processo, por meio do confronto entre as informações prestadas, durante as entrevistas.

REALIZAÇÃO:



FUNCULTURA



SECRETARIA
DE CULTURA

INCENTIVO:



GOVERNO DO ESTADO
Pernambuco
JUNTOS, FAZEMOS MAIS.



Figura 11. Gravação de entrevista com seu Celé.

Fonte: Acervo Laboratório O Imaginário, 2016

Nos registros de produção de peças artesanais históricas de livre escolha dos mestres artesãos entrevistados, foi possível estabelecer o passo-a-passo do processo produtivo e a observação cuidadosa e comentada dos modos de fazer e suas respectivas técnicas, que foram registradas em vídeo.

Atividades Realizadas

As ações realizadas no decorrer deste projeto cultural contemplaram dois pontos fundamentais: entrevistas com os mestres artesãos, partindo da escolha deles até o registro audiovisual; e a produção, seleção e guarda das peças emblemáticas, com perspectivas futuras de formar um acervo material histórico da cerâmica do Cabo

Definição dos mestres

Para definição dos artesãos que seriam entrevistados e partindo da pesquisa anterior, foram selecionados os representantes aos quais se atribui a condição de mestre. Segundo Fisher e Soares (2010), estes se caracterizam por possuir os conhecimentos e as técnicas necessárias para a produção, preservação e repasse das artes e ofícios enraizados no cotidiano de sua comunidade, sendo reconhecido no local onde vivem e por outros setores culturais.

Assim, foram entrevistadas pessoas que tenham sido referenciadas por outros ceramistas da área como mestres artesãos, que já tivessem recebido homenagens e que contribuíram na formação de novos artesãos, além da exímia habilidade na modelagem e que estivessem disponíveis para oferecer seus depoimentos.

Com base nos depoimentos dos artesãos e pelo cruzamento de referências, foram entrevistados quatro mestres ceramistas: Nena, Celé, Deó e Uruda, fazendo registro de suas histórias, peças, ferramentas e visão de futuro, que são descritos a seguir.

REALIZAÇÃO:



FUNCULTURA



SECRETARIA DE CULTURA

INCENTIVO:



GOVERNO DO ESTADO
Pernambuco
JUNTOS, FAZEMOS MAIS.

Mestre Celé

A história recente da cerâmica no Cabo de Santo Agostinho se mistura com a de Celestino José Mota Filho, nascido no Cabo em 20 de fevereiro de 1939. Filho e aprendiz de Celestino José Mota, o Celé Velho, esta relação de nomes sempre causa alguma confusão nos relatos, quando não fica explícito se tratar do Celé pai ou filho.



*Figura 12. Seu Celé ao lado do forno.
Fonte: Acervo Laboratório O Imaginário, 2016*

Seu pai trabalhou na Cerâmica Central, mais conhecida como a cerâmica de Zezé, que era localizada no centro do Cabo. Celé conta que começou a trabalhar com cerâmica aos sete anos, como ajudante na fabricação de tijolos e aos 11 anos começou a trabalhar no torno, burnindo tampas de quartinhas, também na olaria de Zezé. Quando completou dezoito anos, parou de trabalhar com cerâmica e prestou o serviço militar obrigatório, após o qual foi trabalhar na destilaria Central Presidente Vargas, no Cabo de Santo Agostinho, na função de soldador por quase dois anos.

Após esse período, foi acompanhar o pai em viagem para o Ceará, onde passou quatro anos. Em Fortaleza, moraram por cerca de dois anos e meio trabalhando com fabricação de filtros para as Lojas Couto; posteriormente instalaram uma nova cerâmica em Limoeiro do Norte, a 200km de Fortaleza, onde permaneceram por mais um ano e meio. A produção se concentrava em quartinha, *cachepot*, mealheiro, caqueira e caco de formiga. No retorno ao Cabo de Santo Agostinho, Celé filho montou uma cerâmica no bairro do Mauriti para trabalhar por conta própria.

REALIZAÇÃO:



FUNCULTURA



SECRETARIA DE CULTURA



GOVERNO DO ESTADO
Pernambuco
JUNTOS, FAZEMOS MAIS.



Figura 13. Clebe Mota e Sônia Mota, irmãos de Seu Celé..
 Fonte: Acervo Laboratório O Imaginário, 2004

Quando Celé comprou uma grande área no bairro Mauriti para construir sua olaria, a vizinhança ficou satisfeita. O espaço comprado estava abandonado e funcionava como ponto de consumo de bebidas e jogatina e, ao ser comprado, passou a ser usado para a produção de cerâmica, por consequência, local de aprendizagem para crianças e jovens da comunidade. As crianças eram estimuladas a estudar um turno e aprender a lida com cerâmica em outro.

Os parentes que também trabalharam com cerâmica foram os irmãos Clebe e Sônia, além de uma de suas filhas. Os demais filhos e netos não quiseram trabalhar com a cerâmica.

Em 2006, o mestre Celé recebeu uma homenagem na Câmara do Vereadores do Cabo, realizada pelo o Jornal Gazeta, publicado no Cabo de Santo Agostinho. Um outro reconhecimento à família é uma rua no Mauriti, batizada com o nome de seu pai.



Figura 14. Correspondência com o endereço da Rua Celestino José Mota.
 Fonte: Acervo Laboratório O Imaginário, 2014

Modos de fazer

Celé aponta mudanças na cerâmica nos últimos setenta anos. Relata que a cerâmica não tinha o interesse e apreço do público como tem hoje. Antigamente, era mais procurada pelos engenhos, nas cidades do interior e com o passar dos anos, a cerâmica decorativa ganhou maior aceitação pela população de classe média e alta.

REALIZAÇÃO:



FUNCULTURA



SECRETARIA DE CULTURA

INCENTIVO:



GOVERNO DO ESTADO
Pernambuco
 JUNTOS, FAZEMOS MAIS.

Sobre os modos de fazer, enfatiza melhorias com o passar dos anos, uma vez que todos os processos eram realizados manualmente, era tudo mais difícil, não havia máquina para beneficiar o barro e não tinham torno elétrico. Da mesma forma, não existia lâmina para fazer o acabamento das peças, então se usavam os melhores seixos (pedras) para burnir as peças.

Celé comenta que era reconhecido por produzir peças mais rápido que os demais oleiros e por fazer um melhor acabamento. Na época, muitos oleiros não faziam um bom acabamento nas peças e seu pai primava por entregar peças sempre bem acabadas. Celé conta que aprendeu esse ensinamento dado por seu pai e todas as peças que produz devem possuir um acabamento perfeito.

Peças

A peça que trouxe reconhecimento ao artesão foram as peças talhadas, com traços Marajoara. Foram produzidas muitas unidades e todas continham a assinatura de Celé. Grande parte das peças produzidas foram vendidas na cidade de Caruaru.



*Figura 15. Vaso talhado com traços marajoara.
Fonte: Acervo Laboratório O Imaginário, 2007*

Dentre as peças mais vendidas, Celé indica os jarros Degrau, Apolo e Sino. Já a sua peça favorita é a Petisqueira, porque, que segundo o mestre artesão, “dava muito trabalho e todo mundo achava muito bonita”. Razão esta pela qual não era possível a produção em grande escala.



*Figura 16. Petisqueira.
Fonte: Acervo Laboratório O Imaginário, 2004*

REALIZAÇÃO:



FUNCULTURA



SECRETARIA
DE CULTURA

INCENTIVO:



GOVERNO DO ESTADO
Pernambuco
JUNTOS, FAZEMOS MAIS.

Sobre o jarro Apolo, Celé também comenta que era a peça mais admirada por outros ceramistas. Celé começou produzindo o jarro em tamanho pequeno, porém com o passar dos anos, Celé aumentou o tamanho e chegou a produzir o jarro com cerca de 1,5m. Os demais oleiros perguntavam como ele conseguia fazer um jarro tão grande. Os oleiros pensavam que o jarro era produzido de uma só vez, mas Celé conta que produzia por etapas e o modelava ao contrário do processo aparente: começava peça “boca” até o pé do jarro.



Figura 17. Vasos Sino (esq.), Apolo (cen.) e Degrau (dir.).

Fonte: Acervo Laboratório O Imaginário, 2014

A maioria das peças entalhadas (como as peças marajoaras) eram importantes no passado, mas ao longo do tempo, deixaram de ser. Anos atrás, apenas Celé produzia e vendia esse tipo de peça, porém outros oleiros passaram a produzir e com o aumento da oferta, a demanda caiu.

O Caco de Formiga e filtro também caíram em desuso. Celé não sabe explicar o porquê, mas acredita que, no caso do caco de formiga, o uso de inseticidas seja um dos fatores para a baixa procura, uma vez que esta peça funcionava quando era parcialmente enterrada na terra, resguardando uma planta no vazado central e colocando água ao redor, impedindo o acesso das formigas. O uso de geladeira e a venda de água mineral, por sua vez, foram fatores que fizeram a demanda de filtros cair, acredita.



Figura 18. Peça caco de formiga.

Fonte: Acervo Laboratório O Imaginário, 2016

REALIZAÇÃO:



FUNCULTURA



SECRETARIA DE CULTURA

INCENTIVO:



GOVERNO DO ESTADO
Pernambuco
JUNTOS, FAZEMOS MAIS.

O filtro de água tinha um formato que até hoje ainda é produzido. Durante a conversa com Celé, ele apresentou um outro formato de filtro, mais ovalado, produzido para esta pesquisa.



*Figura 19. Filtro de água produzido por Celé.
Fonte: Acervo Laboratório O Imaginário, 2016*

REALIZAÇÃO:



FUNCULTURA



SECRETARIA
DE CULTURA

INCENTIVO:



GOVERNO DO ESTADO
Pernambuco
JUNTOS, FAZEMOS MAIS.

Mestre

Com a humildade que lhe é peculiar, Celé de imediato não se reconhece como um mestre. Afirma que mestre é aquele que faz tudo e ele não faz tudo em cerâmica. Quando o escopo da pergunta se concentra na produção de oleiro, no torno, então cede e assume ser capaz de produzir qualquer peça que lhe vier à cabeça ou for sugerida a partir de desenhos. Quando começou a produzir, aprendeu bastante a partir de desenhos que os clientes lhe mostravam. Esta mesma capacidade de dar materialidade ao que vier na mente também faz Celé indicar como mestres os artesãos Uruda e Nena.

No aspecto de formação de novos artesãos e preservação da técnica, estima que já tenha ensinado a produção de cerâmica para cerca de 30 a 40 pessoas. Algumas destas pessoas residem no Rio de Janeiro, São Paulo, Fortaleza, Bahia, interior de Pernambuco e ainda hoje trabalham com cerâmica. Muitos outros deixaram a cerâmica e trabalham em outras atividades. Entendia que ensinar a técnica era um modo de dar oportunidade de aprendizagem e também como formação de pessoal para trabalhar na sua olaria.

No seu desenvolvimento como artesão, quando ainda era um iniciante, seu medo era de não ser capaz de produzir a mesma quantidade de peças que seu pai. Como o ganho unitário era pequeno, somente com uma velocidade de produção elevada seria possível obter o sustento com a cerâmica. Com o passar do tempo, Celé não só conseguiu se igualar ao ritmo seu pai, produzindo a quantidade de 150 filtros por semana, como o ultrapassou, chegando a atingir a marca de 250 filtros por semana.

Ferramentas

Para Celé, é natural do ceramista produzir suas próprias ferramentas, por serem simples e precisar atender a demanda pessoal do artesão: paleta de aço, com e sem curva e fio de nylon.

Futuro

Celé acredita que a produção cerâmica no município não deve durar muito tempo, talvez não mais que dez anos, devido à dificuldade de conseguir matéria-prima e lenha. Celé comenta a dificuldade de encontrar matéria prima, o que pode ocasionar a migração dos artesãos do Cabo para outros estados, como Ceará e Bahia – que possuem argila em abundância.

Particularmente no Centro de Artesanato, enquanto Nena estiver por lá e com saúde, Celé acredita que poderá seguir em frente, mas a sobrevivência do Centro está muito atrelada à pessoa de Nena, que já repassou a técnica para outras pessoas. Comenta que enquanto houver argila, ainda haverá produção no Cabo.

Seu Celé diz que, no passado, mais pessoas aderiam à profissão de ceramista, porque não existiam muitas opções, muitas facilidades para fazer cursos e conseguir emprego. Hoje, existem muitas escolas técnicas e as novas tecnologias permitem aprender pela internet, então, as pessoas não querem mais o serviço pesado do artesanato em cerâmica. Na cerâmica, elas precisam trabalhar muito para conseguir algum dinheiro e numa indústria, esta atividade é menos penosa.

Celé resume a cerâmica como sua vida: tudo o que tem foi decorrente da cerâmica. Sua família trabalhou na cerâmica (a esposa e as filhas pintavam peças), só o filho não quis seguir na cerâmica.

REALIZAÇÃO:



FUNCULTURA



SECRETARIA DE CULTURA

INCENTIVO:



GOVERNO DO ESTADO
Pernambuco
JUNTOS, FAZEMOS MAIS.

Mestre Uruda

Erivaldo José de Paula é mais conhecido como Uruda. Quando criança, sua família o chamava pelo apelido “Ruda” e ao iniciar na atividade cerâmica, o artesão acrescentou ao apelido a letra U, passando a ser conhecido pelo nome artístico Uruda.



*Figura 20. Uruda ao lado de suas peças.
Fonte: Acervo Laboratório O Imaginário, 2016*

Filho de José Eliotério de Paula e Anália Gomes de Paula, nasceu em 1951 no Cabo e lida com cerâmica há 59 anos. Seu contato com a cerâmica vem dos avós e tios maternos, que trabalhavam com cerâmica em olarias. O primeiro contato com a cerâmica foi através do esposo de sua tia, chamado José Lúcio, que era oleiro e produzia quartinhas. O José Lúcio foi sua inspiração na área cerâmica, uma vez que Uruda frequentava sua olaria para brincar com barro e o torno.

Uruda conta que, com cerca de seis anos de idade, usava o torno para brincar e tocar músicas em discos de vinil. Aos oito anos de idade, com a morte de seu pai, se afastou da olaria e do contato com a cerâmica para trabalhar e poder se manter financeiramente. Aos onze anos de idade, contudo, voltou a trabalhar com cerâmica. Admira bastante o Mestre Vitalino, que o influenciou na cerâmica, especialmente pelos brinquedos que eram vendidos nas feiras da capital e interior do estado.

Seu tio José Lúcio foi a pessoa que o inspirou a ser ceramista, porém não foi seu professor na atividade. Uruda relata que começou a lidar com cerâmica por necessidade, já que, quando iniciou o aprendizado na cerâmica, não existiam muitas opções de trabalho e as pessoas que residiam próximo a olarias, tinham a oportunidade de, não só aprender uma profissão, mas também de ter um emprego. As opções eram trabalhar em olarias ou em engenhos de cana de açúcar, limpando roça. Na olaria de Zezé, teve como mestre Otávio, artesão da olaria e irmão de Zezé. Apesar de citar Otávio como mestre, Uruda conta que seu aprendizado na cerâmica ocorreu de forma autodidata.

Além da cerâmica, chegou a exercer outras atividades como cantor, jogador de futebol, lavador de roupa de ganho, carregador de marmitta, mas foi com a cerâmica que garantiu seu sustento e o de sua família. Este trabalho resultou em alguns reconhecimentos, como uma matéria sobre ele na Revista Conhecer; uma Comenda concedida por ocasião da comemoração dos 130 anos da emancipação

REALIZAÇÃO:



FUNCULTURA



SECRETARIA DE CULTURA

INCENTIVO:



GOVERNO DO ESTADO
Pernambuco
JUNTOS, FAZEMOS MAIS.

política da cidade do Cabo de Santo Agostinho; e também foi homenageado pelo bairro da Iputinga, no Recife, o “Bairro dos Artistas”, há cerca de 20 anos.

Modos de fazer

Para Uruda, as mudanças na cerâmica ao longo do tempo estão associadas à técnica. No Cabo existem principalmente três tipos de barro: tabatinga, taguá e terracota. A argila taguá, ou tawá, que Uruda relata significar “barro amarelo” em Tupi, foi muito usada pelos índios. A argila tabatinga, ou “barro branco”, é mais rica e universalmente conhecida, faz todas as composições da alta temperatura, como a porcelana e o material refratário. E a terracota, por sua vez, é uma massa fraca, muito conhecida por quem faz panelas de barro. O paneleiro tem que ter a terracota, para misturar na argila tabatinga, para ela ficar numa composição que resista ao contato direto com o fogo. O ideal é trabalhar o barro com misturas, porque sai da condição de apenas um tipo de barro e começa a trabalhar com uma massa, uma composição. Essa é a parte técnica de uma olaria e é o que se vê os artesãos fazendo hoje.

Uruda aponta também um fator transformador na cerâmica. O bairro do Mauriti era altamente violento, onde jovens e crianças conviviam em meio a jogatinas, alcoolismo e violência. Quando Celé abriu sua olaria, mudou todo o perfil desse bairro e os moradores começaram a ter ocupação e renda.

Peças

Uruda produz uma vasta gama de peças. A mais conhecida é também a sua preferida: “O Pensador”. Todos os trabalhos e apresentações que Uruda faz em escolas e outros lugares são iniciadas pela demonstração desta peça. O artesão atribui a criação da peça a um estado de espírito em que a concebeu, e desde então, a peça começou a ser parte da sua vida, estando presente em todas as suas palestras e oficinas ministradas.



Figura 21. Peça “O Pensador” de Uruda.
Fonte: Acervo Laboratório O Imaginário, 2016

A peça que considera mais emblemática é a quartinha. Era até um tipo de teste que o oleiro precisava provar que sabia fazer para ser aceito numa cerâmica. É uma peça difícil, mesmo que dentro das olarias tenha se tornado vulgar. Um artesão faz várias peças, como jarros, mas sua mão está dentro do material, ajudando na modelagem. A quartinha, por sua vez, tem toda uma técnica em que o artesão vai modelando em estágios e deixa uma “reserva técnica” de barro que é, exatamente, suficiente para fazer um pescoço, nem mais, nem menos. Por isso, é uma forma de fazer que fascina mestre Uruda, por ser elementar e empírica.

REALIZAÇÃO:



FUNCULTURA



SECRETARIA DE CULTURA

INCENTIVO:



GOVERNO DO ESTADO
Pernambuco
JUNTOS, FAZEMOS MAIS.

Ainda sobre a quartinha, Uruda comenta que inicialmente era uma peça de mesa que começou a ser usada ela na roça, pelos trabalhadores na safra de cana de açúcar para conservar a água de beber fria ao longo do dia. Pelo pescoço da quartinha, era amarrada uma corda e levada pendurada.



Figura 22. Quartinha de barro.
Fonte: Acervo Laboratório O Imaginário, 2016

Mestres

Ao ser perguntado se considera a si próprio como mestre, Uruda põe a modéstia de lado e diz que sim. Depois de 59 anos dedicados à olaria, é mestre querendo ou não. Também credita para ter este título o fato de ter repassado para tantas outras pessoas o ofício sem cobrar nada. Entre tantos ceramistas que conheceu, cita os que “foram superados pelo próprio tempo”: o grande mestre que considera é o Luiz “Lula”, assim como Otávio Nascimento e Celé Velho e Seu Celé. Cita ainda Abiud, Natanael “Taé”, José Lúcio e Zé Gomes, a quem considera que foram mestres porque vivenciaram toda essa forma de fazer. Pondera que os mestres daquela época eram mais completos, mesmo sendo empíricos, porque eles pegavam o barro na jazida, cavavam, escolhiam o barro, faziam o cozimento, a fabricação, desde a preparação do barro no pé e esta experiência de todo o processo lhes trazia mais domínio.

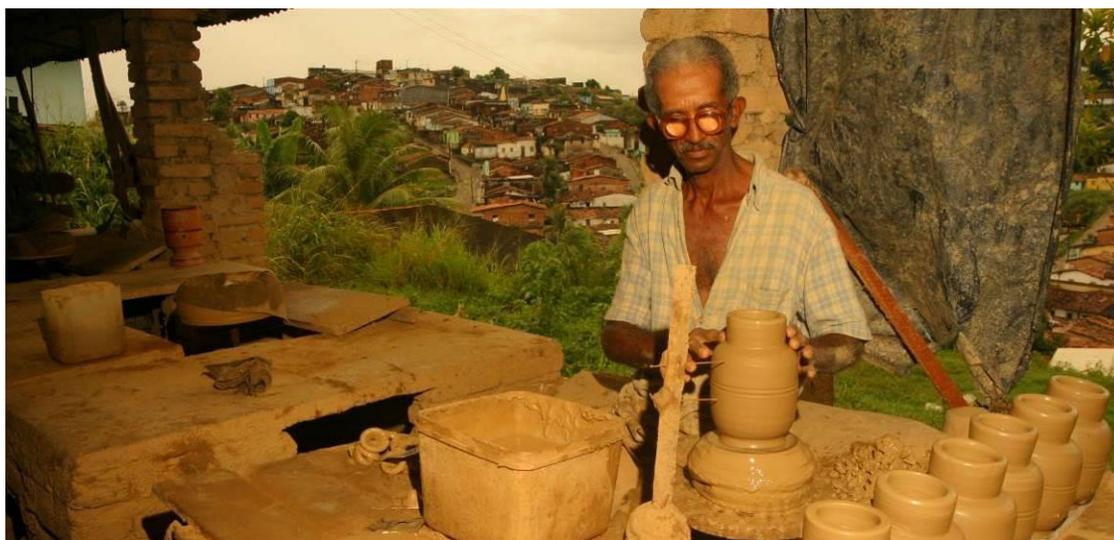


Figura 23. Seu Abiud.

REALIZAÇÃO:



FUNCULTURA



SECRETARIA
DE CULTURA



GOVERNO DO ESTADO
Pernambuco
JUNTOS, FAZEMOS MAIS.

Fonte: Acervo Laboratório O Imaginário, 2004

Uruda não consegue quantificar o número de pessoas a quem repassou a técnica cerâmica. Alguns aprenderam apenas observando; já para outros, ele ensinou algumas técnicas. Afirma que o artista não precisa ir à faculdade para aprender, ele nasce feito; os oleiros, normalmente, são autodidatas. Para os estudantes das escolas que Uruda faz oficinas, comenta que está fazendo um levantamento da história e releitura das obras do Mestre Vitalino.

Uruda considera o barro uma matéria democrática e que repassar o modo de fazer é função do mestre. Cita que “o homem só se torna mortal quando ele não socializa seus conhecimentos, porque na hora em que ele repassar seu conhecimento, ele se torna imortal”.

Futuro

A perspectiva de Uruda para a cerâmica tem um viés de educação, do qual se orgulha de estar participando. Uma olaria mais didática, dentro da escola, dentro da educação, que tenha o sentido sociológico forte e que atenua a violência. Uruda diz que o grande futuro é continuar o que já vem fazendo há vinte anos: trabalhar o barro com crianças, adolescentes, jovens e pessoas que possuem algum tipo de deficiência. Sintetiza o significado da cerâmica em sua vida citando: “minha vida é feita de barro”.

Mestre Deó

Deoclécio José Mariano, ou simplesmente Deó, nasceu em Frexeiras em 03 de junho de 1945, distrito da cidade vizinha de Escada. Reside no Cabo de Santo Agostinho há cerca de 40 anos.

Com 08 anos de idade, ajudava o pai na agricultura, mas depois que iniciou na cerâmica, aos 15 anos, não trabalhou em outra área. Começou a trabalhar com cerâmica por influência do seu pai, Severino José Mariano, quando produziam alguidar, panela, papeiro e tigela. Apesar de não ter certeza, Deó acredita que o pai aprendeu observando outros artesãos, uma vez que o histórico da família foi ligado apenas à agricultura.

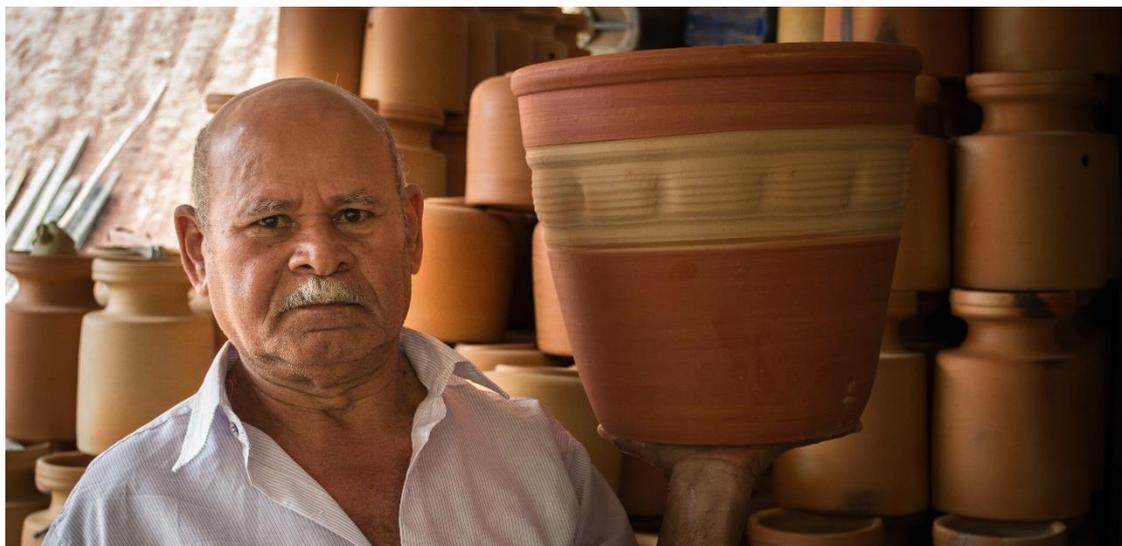


Figura 24. Deó e uma caqueira de sua produção.

Fonte: Acervo Laboratório O Imaginário, 2016

REALIZAÇÃO:



FUNCULTURA



SECRETARIA DE CULTURA



GOVERNO DO ESTADO
Pernambuco
JUNTOS, FAZEMOS MAIS.

Mudou-se para o Cabo a cerca de 40 anos, por convite de Celé Velho para trabalhar com ele. Iniciou seu trabalho produzindo potes e fogareiros. Com o passar do tempo e o crescimento da demanda dos clientes, passou a produzir outras peças, como o filtro, por exemplo. O filtro não era produzido na época em que Deó foi morar no Cabo, apenas anos depois.

Seu pai e seus três irmãos também trabalharam com cerâmica, sendo então uma atividade comum na família, sem auxiliares externos. Contudo, com o decorrer dos anos, os irmãos mudaram de atividade e apenas Deó seguiu com a produção cerâmica.

Modos de fazer

Dentre as transformações que presenciou em mais de cinquenta anos de atividade, destaca o modo de processar o barro: antigamente pisado e batido com barra de ferro, passou pelas marombas adaptadas com caixa de marcha de caminhão, aos modernos equipamentos do Centro de Artesanato. As etapas são as mesmas, o que mudou foram os equipamentos e modelos de peças. Muitas peças que eram produzidas antigamente, como filtros e alguns modelos de jarros, não são mais feitas.

Peças

De sua produção, o jarro “Samaritana”, com seu bico, alça e prato de apoio é a peça pela qual é mais reconhecido. Diferentemente de outros artesãos, Deó gosta de produzir esta peça, assim como as caqueiras para plantas, por ser um tipo de peça que ele se acostumou a fazer ao longo da vida.

Destaca peças que antes eram consideradas importantes e hoje não são mais, a exemplo da panela, tacho, alguidar, papeiro e outras peças de uso na cozinha. Os clientes deixaram de pedir e os artesãos, por consequência, deixaram de produzir. O alguidar ainda tem procura e vendas, porém bem menores do que teve décadas atrás.



Figura 25. Jarro “Samaritana”.
Fonte: Acervo Laboratório O Imaginário, 2015

REALIZAÇÃO:



FUNCULTURA



SECRETARIA
DE CULTURA

INCENTIVO:



GOVERNO DO ESTADO
Pernambuco
JUNTOS, FAZEMOS MAIS.

Mestres

Deó não se considera um mestre, porque apesar de produzir todos os tipos de peças, talvez mediante um desenho novo, não seja capaz de produzir; e para ele o mestre deve ser capaz de produzir qualquer peça. Também comenta que já ensinou a algumas pessoas a iniciar na cerâmica, mas não por muito tempo e não se considera professor destas pessoas. Tem convicção que de artesão só aprende praticando sozinho. Como mestre, aponta os nomes de Celé, Uruda e Nena.

Quando ainda era aprendiz, considerava difícil de fazer quartinha, porque é uma peça fechada. Comenta que todo artesão demora para aprender, assim como peças grandes e arredondadas. As peças dos iniciantes são as caqueiras e cinzeiros, que são mais fáceis, por serem baixas e abertas.

Futuro

Com o peso de seus 71 anos de idade, não se vê em condições de continuar na cerâmica por muito tempo. Ainda hoje trabalha com cerâmica porque gosta de trabalhar, acostumado desde os oito anos e não consegue ficar em casa, ocioso.

Para a atividade de cerâmica no Cabo, prevê o término da atividade nos moldes que conheceu, uma vez que hoje a comunidade reclama da fumaça gerada pela queima da lenha dos fornos. A peça mais emblemática desta produção, o filtro de água, não vai acabar, de acordo com Deó. Comenta que é uma peça que sempre teve mercado e mesmo com o decréscimo da demanda, ainda existem pedidos de produção.

Sua visão sobre o Centro de Artesanato é que vai continuar a funcionar e, com certeza, “terá um futuro bom, porque lá são feitas peças diferentes das produzidas nas olarias, com mais valor e menos consumo de matéria-prima”.

Para o artesão, “a cerâmica significa tudo e foi muito boa em minha vida”. Relata que sempre trabalhou com a cerâmica e tudo que ele possui foi adquirido com recursos desta atividade. Diz que na comunidade, na família e com seus vizinhos, é respeitado por ser ceramista.

REALIZAÇÃO:



FUNCULTURA



SECRETARIA DE CULTURA

INCENTIVO:



GOVERNO DO ESTADO
Pernambuco
JUNTOS, FAZEMOS MAIS.

Mestre Nena

Severino Antônio de Lima nasceu em 15 de junho de 1964 e ganhou a alcunha de Nena desde muito jovem e assim ficou conhecido. Não teve ascendentes vinculados à produção cerâmica e reconhece em Celé e Clebe Mota seus formadores, desde os seis anos de idade, quando por falecimento de seu pai se mudou com a mãe e irmãos para uma casa vizinha à de Seu Celé e passou a perambular por entre as olarias. Vive da produção cerâmica desde sempre, não tendo exercido outras atividades de forma profissional. Casou-se cedo com Jozelma, com quem vive até hoje e teve um casal de filhos, Deivyson e Deyse.



*Figura 26. Nena trabalhando no torno.
Fonte: Acervo Laboratório O Imaginário, 2016*

Se orgulha de ter garantido o sustento de sua família por meio da cerâmica. Dois de seus irmãos também trabalham com Cerâmica: Nilson, o mais velho, trabalha na fábrica de cerâmica do Grupo Brennand, em Recife, e Francisco trabalha em uma olaria situada no Cabo de Santo Agostinho.

REALIZAÇÃO:



FUNCULTURA



SECRETARIA
DE CULTURA

INCENTIVO:



GOVERNO DO ESTADO
Pernambuco
JUNTOS, FAZEMOS MAIS.



Figura 27. Francisco (conhecido como Fio), irmão de Nena.
Fonte: Acervo Laboratório O Imaginário, 2016

Modos de fazer

Ao longo de seus quarenta e cinco anos vivenciando a produção de peças de barro, percebe principalmente as transformações na tecnologia envolvida. Relata que era costumeiro tratar o barro com uso da força corporal, quando o barro era espalhado no chão com os pés, além de sovar a massa com barras de ferros. Outra forma de fazer antiga é o forno à lenha, que atingia uma temperatura de até 700°C, considerada baixa para produção cerâmica.

No Centro de Artesanato Arq. Wilson Campos Júnior, esse processo de beneficiamento do barro é mecanizado com a maromba (extrusora), laminador e esteira, além de possuir tornos elétricos, que substituíram os tornos em que o artesão precisava utilizar os pés para fazê-lo rodar. O Centro ainda conta com aplicação de esmaltes para vitrificação das peças e para a realização das queimas, dispõe de fornos a gás e elétricos programáveis. Outras transformações que podem ser percebidas são os tipos de barro utilizados nas produções, existe barro tratado especialmente para a queima, de acordo com a temperatura que o artesão deseja.

Quando Nena trabalhava no Mauriti, não tinha conhecimento e acesso às técnicas e máquinas que conhece hoje. O desenvolvimento do conhecimento dos artesãos foi possível através de capacitações com técnicos da área da cerâmica de Pernambuco e de fora do Estado.

Peças

Nena também cita transformações no uso das peças, que tiveram uma grande importância no passado, mas que deixaram de fazer parte do cotidiano. Um forte exemplo é o filtro de água. Antigamente eram produzidos cerca de mil filtros por semana, considerando todas as olarias do Mauriti. Na época, a produção não supria a demanda. Entretanto, hoje é mais utilizada a água mineral engarrafada e a procura diminuiu muito. Outras peças que também eram bastante procuradas eram as painéis, fogareiros, jarros e quartinhas, muito utilizadas por pessoas com menor condição financeira, que não podiam comprar utensílios de alumínio. Hoje, a demanda por estas peças é pequena na Região Metropolitana do Recife, sendo ainda fabricadas e vendidas em cidades do interior do Estado, porém, apenas os filtros são vendidos em grande escala.

REALIZAÇÃO:



FUNCULTURA



SECRETARIA DE CULTURA

INCENTIVO:



GOVERNO DO ESTADO
Pernambuco
JUNTOS, FAZEMOS MAIS.

Dentre seu amplo portfólio de peças, Nena destaca as pinhas “spike”, muito procuradas, inclusive por lojistas. Considera que a peça de maior valor agregado é o vaso Ondulado, e que a clientela reconhece o valor do trabalho de criação e produção.



Figura 28. Vaso Ondulado (azul) e Pinhas “Spike” (verde).
Fonte: Acervo Laboratório O Imaginário, 2016

Diante de seus colegas ceramistas, destaca a Estrela, também chamada de Ouriço, cuja técnica de produção e montagem é um segredo do artesão. Uma outra peça representativa é o vaso Chocalho, muito associado ao conjunto da sua obra, sendo a “cara” de Nena.



Figura 29. Estrela (esq.) e Vasos Chocalho (dir.).
Fonte: Acervo Laboratório O Imaginário, 2004

O artesão também manifesta sua satisfação em produzir as peças que o fazem lembrar de seus mestres; a exemplo do vaso Torto, do mestre Clebe, já falecido, e da petisqueira, do mestre Celé, que traz de volta a memória de sua infância.

REALIZAÇÃO:



FUNCULTURA



SECRETARIA DE CULTURA



Pernambuco
JUNTOS, FAZEMOS MAIS.



*Figura 30. Vasos Tortos (esq.) e Vasos Frisados (dir.) Peças originais de Clebe.
Fonte: Acervo Laboratório O Imaginário, 2004*

Nena explica que antigamente os artesãos produziam peças sem texturas e com acabamento liso e arredondado. Já a sua produção incorpora a sobreposição de barro e agrega técnicas como frisos, estrias, recortes e sobreposição de partes de barro. Nena se diz reconhecido pela produção de peças consideradas de difícil produção.

Para perceber as tendências de mercado, Nena costuma assistir aos programas de TV e novelas, quando observa a composição dos artefatos dos cenários das moradias contemporâneas e entende a demanda do mercado. Segundo ele, essas observações são insumos para criar peças que agradem o “gosto dos clientes”.

Mestre

Nena considera a si mesmo um Mestre. Diz que ganhou o título oficialmente na XVII edição da Fenearte, mas independentemente deste fato, se considera merecedor deste título porque lida com o barro desde criança, não se dedica a nenhuma outra profissão e é reconhecido como tal por outros ceramistas e consumidores. Todavia, ressalta que o grande mestre que ele conhece é Seu Celé, por ter transmitido a técnica e ter dado oportunidade de trabalho a quase todos os ceramistas do município quando sua olaria estava ativa.

O título de mestre ao qual Nena se refere, foi atribuído no ano de 2016 na XVII Fenearte. Durante a realização da Feira, conquistou a oportunidade de expor e comercializar suas peças na alameda dos mestres.

REALIZAÇÃO:



FUNCULTURA



SECRETARIA
DE CULTURA

INCENTIVO:



GOVERNO DO ESTADO
Pernambuco
JUNTOS, FAZEMOS MAIS.



Figura 31. Nena no estande da Alameda dos Mestres da Fenearte.
 Fonte: Acervo Laboratório O Imaginário, 2016

Nena considera que um mestre deve ser completo, e faz referência sempre ao mestre Celé. Se dedicar ao ser humano, tirar crianças da rua e ensinar-lhes um ofício são exemplos do que faz de Celé um mestre completo. Além de Celé, também cita como mestres Clebe, Deó e Uruda.

Reconhecendo a si próprio como mestre, entende como parte deste título a formação de novos artesãos, como os jovens Geisson e De Melo, no Centro de Artesanato do Cabo.



Figura 32. De Melo e mestre Nena.
 Fonte: Acervo Laboratório O Imaginário, 2013

REALIZAÇÃO:



FUNCULTURA



SECRETARIA DE CULTURA

INCENTIVO:



GOVERNO DO ESTADO
Pernambuco
 JUNTOS, FAZEMOS MAIS.

Nena admirava o seu mestre Clebe quando ele “puxava” o barro para levantar e fazer uma peça com as duas mãos e num movimento único. Ele afirma não ter visto nenhum outro oleiro levantar a peça da mesma forma que Clebe fazia. Em Celé, Nena admira o esmero no acabamento das peças e se mira nesse exemplo.

Ferramentas

As ferramentas apresentadas pelo mestre Nena e entendidas como regulares da profissão de oleiro, são feitas pelo próprio artesão ou sob encomenda para um serralheiro. São basicamente:

- Paleta de aço inoxidável, usada em quase todo o processo de modelagem das peças
- Fio de Nylon, usado para soltar a peça do “cabeço” de madeira
- Compasso, utilizado para medir as peças e auxiliar na padronização
- Esquadro de metal, usado para auxiliar na produção de placas, para fazer cortes, etc
- Paleta de plástico, utilizada para fazer acabamento/alisar as peças

Nena comenta que a tradição era de usar uma pedra de rio, o chamado seixo, para passar em toda a extensão da peça, aproveitando o movimento do torno. Este processo, chamado de burnir, garantia à peça uma textura bastante lisa e um visual brilhoso. Demanda mais esmero no acabamento, assim como mais tempo, já que a peça deve estar mais seca para ser burnida. Hoje em dia, é mais normal usar a paleta plástica, que se faz logo após a modelagem, embora não tenha o mesmo acabamento do seixo. Nena lembra que se Celé Velho visse alguém dando acabamento com plástico, quebrava a peça e arriscava mandar o oleiro embora, pois o acabamento correto deveria ser dado com o seixo.

Futuro

Vislumbrando o futuro da Cerâmica do Cabo, Nena recapitula que nestes oito anos de existência do Centro, houve crescimento progressivo nas vendas, na quantidade de pessoas envolvidas, na diversidade de peças, etc. Acredita que o Centro crescerá ainda mais, porque estão sempre dedicados na produção de novas peças, inclusive na linha de utilitários – que antes não eram ofertadas. Tem havido aumento na procura de peças e também de pessoas com interesse em aprender as técnicas de modelagem da cerâmica. O grupo de artesãos no Centro cresceu, principalmente nos últimos três anos e a expectativa é que o índice de aumento das vendas seja superado ano após ano.

Sobre si próprio, Nena relata que teve aumento na procura por suas peças, principalmente, as que possuem sua assinatura. Esta procura se intensificou depois do reconhecimento ganho, principalmente depois de participar na alameda dos mestres na Fenearte. Tem interesse em participar de feiras fora do estado e ampliar o reconhecimento do seu trabalho também em outras regiões do país.

REALIZAÇÃO:



FUNCULTURA



SECRETARIA DE CULTURA

INCENTIVO:



GOVERNO DO ESTADO
Pernambuco
JUNTOS, FAZEMOS MAIS.

Iniciativa de Constituição de Acervo

Ademais das peças já produzidas no projeto *Mapeamento do Artesanato em Cerâmica do Espaço Mauriti – Cabo de Santo Agostinho – PE*, executado em 2014, foram também reunidas as peças confeccionadas durante a corrente pesquisa, com base nos relatos e demonstrações dos mestres artesãos envolvidos na pesquisa. Estas peças permanecem abrigadas no Centro de Artesanato, com vistas à constituição e manutenção de um acervo material permanente desta memória histórica local.



Figura 33. Conjunto de peças abrigadas.
Fonte: Acervo Laboratório O Imaginário, 2016

Divulgação

Como parte da divulgação das ações empreendidas, a realização da pesquisa foi noticiada nas redes sociais do Laboratório O Imaginário e da Cerâmica do Cabo. As publicações foram associadas com os marcadores de artesanato, cerâmica, além dos envolvidos, como O Imaginário, Governo do Estado e Secretaria de Cultura/Fundarpe.

REALIZAÇÃO:



FUNCULTURA



SECRETARIA
DE CULTURA

INCENTIVO:



GOVERNO DO ESTADO
Pernambuco
JUNTOS, FAZEMOS MAIS.



Figura 34 – Postagens no Facebook do Imaginário: realização (esq.) e convite para a oficina (dir.)
Fonte: Acervo Laboratório O Imaginário, 2016 e 2017



Figura 35. Convite digital e postagem no Facebook sobre a oficina de apresentação.
Fonte: Acervo O Imaginário, 2017



Disponibilização

Visando favorecer o acesso do público aos resultados desta pesquisa, foi editado um vídeo com o resultado da pesquisa, disponível na internet, bem como a versão digital deste relatório. Com o objetivo de fortalecer a fruição a este produto, o vídeo também conta com legenda em português.

Resumo em Vídeo

Um vídeo com o resumo das entrevistas com os mestres artesãos foi editado e disponibilizado na internet. Este vídeo de 36 minutos em qualidade fullHD está disponível no YouTube:

https://youtu.be/6efSR_MCfTA



Figura 36. Tela de abertura do vídeo.
Fonte: Acervo Laboratório O Imaginário, 2017



Figura 37. Apresentação de Seu Celé.
Fonte: Acervo Laboratório O Imaginário, 2016

REALIZAÇÃO:



FUNCULTURA



SECRETARIA DE CULTURA



GOVERNO DO ESTADO
Pernambuco
JUNTOS, FAZEMOS MAIS.

Análise e Apresentação do Resultado da Pesquisa

A oficina de análise e apresentação do resultado da pesquisa ocorreu no Centro de Artesanato Arq. Wilson Campos Júnior, em fevereiro de 2017. A oficina teve a apresentação dos objetivos da pesquisa, a primeira exibição pública do vídeo e disponibilização na internet, tanto deste relatório quanto do vídeo, relatadas pela equipe de pesquisa. O encontro também contou a presença dos mestres artesãos, equipe de artesãos do Centro de Artesanato Arq. Wilson Campos Júnior e de representantes de instituições parceiras, como Sebrae, Centro do Artesanato de Pernambuco, Governo do Estado, AD/Diper, além de diversos secretários da prefeitura Municipal do Cabo de Santo Agostinho.



Figura 38. Mestres artesãos recebendo os convidados.
Fonte: Acervo O Imaginário, 2017



Figura 39. Exibição do vídeo.
Fonte: Acervo O Imaginário, 2017

REALIZAÇÃO:



FUNCULTURA



SECRETARIA DE CULTURA

INCENTIVO:



GOVERNO DO ESTADO
Pernambuco
JUNTOS, FAZEMOS MAIS.



Figura 40. Plateia do encontro.
 Fonte: Acervo O Imaginário, 2017



Figura 41. Depoimento do mestre Nena.
 Fonte: Acervo O Imaginário, 2017



Figura 42. Toda a equipe reunida com os convidados.
 Fonte: Acervo O Imaginário, 2017

REALIZAÇÃO:



INCENTIVO:



GOVERNO DO ESTADO
Pernambuco
 JUNTOS, FAZEMOS MAIS.

Conclusões

O reconhecimento em vida dos mestres mapeados e identificados nesta pesquisa é uma deferência aos artesãos que trabalharam pela cultura da cerâmica artesanal no Cabo de Santo Agostinho. Os registros de suas histórias de vida não somente preservam estas informações como também estimulam os novos artesãos e fortalecem a imagem coletiva do território do Mauriti.

O legado de peças e modos de fazer permanecem vivos no Centro de Artesanato Arquiteto Wilson Campos Júnior, onde esta nova geração de artesãos absorve e reinterpreta a importância da cerâmica artesanal e a sustentabilidade da produção cultural do artesanato no Cabo.



Figura 43. Registro de três mestres: Deó (esq.), Nena (cen.) e Celé (dir.).
Fonte: Acervo O Imaginário, 2017

O mapeamento dos mestres e esta etapa inicial de construção do acervo de artefatos históricos servem como inspiração e incentivo para os novos artesãos, que aliam as antigas referências às novas tecnologias de produção. Por outro lado, esta memória se difunde com auxílio das redes sociais e plataformas de vídeo online e o acervo das peças históricas pode vir a se constituir num acervo material visitável em um contexto da arte-educação através de incentivos de órgãos de fomento a cultura.

REALIZAÇÃO:



FUNCULTURA



SECRETARIA DE CULTURA

INCENTIVO:



GOVERNO DO ESTADO
Pernambuco
JUNTOS, FAZEMOS MAIS.

Bibliografia

- AD/Diper. **Artesanato de Pernambuco – III Fenearte Edição Especial**. Recife: AD/Diper, 2002.
- AD/Diper – Fenearte Feira Nacional de Negócios do Artesanato. **Fenearte Catálogos das Feiras V a XV**. Recife: AD/Diper, 2004 a 2014.
- AMORIM, Maria A. **Patrimônios Vivos de Pernambuco**. Segunda Edição Revisada e Ampliada. Recife: FUNDARPE, 2014.
- ANDRADE, Ana; CAVALCANTI, Virgínia (organizadoras) **Imaginário Pernambucano: design, cultura, inclusão social e desenvolvimento sustentável**. Recife: Zoludesign, 2006.
- ANDRADE, Ana Maria Queiroz de; SILVA, Germanya D´Garcia de Araújo; BOTELHO, Vinicius Simões; CAVALCANTI, Virginia. P. **Design methology and sustainability: between crafwork production and industrial production**. In: Changing the change - design visions proposals and tools, 2008.
- ANDRADE, Ana Maria Queiroz de; TABOSA, T. C. M. C.; SILVA, G. D. A.; CAVALCANTI, Virginia Pereira. **Local sustainable development and design-craftwork intervention model**. In: 4th INTERNATIONAL FORUM OF DESIGN AS A PROCESS, Belo Horizonte, 2012.
- BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008.
- BERTUCCI, Ademar. **Sistematização de Experiências da Economia Solidária**. Porto Alegre: Cooperativa Catarse Coletivo de Comunicação, 2012.
- BORGES, Adélia. **Design + Artesanato: o caminho brasileiro**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.
- BOSI. Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- CANEVACCI, Massimo. **Antropologia da Comunicação Visual**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- CARDOSO, Cármen; CUNHA, Francisco C da. **Repensando a Organização: uma abordagem psicossociológica**. Recife: Instituto de Tecnologia e Gestão, 2005.
- CARDOSO, Rafel. **Uma Introdução a História do Design**. São Paulo: Edgar Blülcher, 2004.
- CASTRO, Cláudio M. **A Prática da Pesquisa**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1978.
- CAUDE, Roland. **Como se Documentar**. Lisboa: Editorial Pórtico, 2001.
- CAVALCANTI, Virgínia P; ANDRADE, Ana M; SILVA, Germanya D; TABOSA, Tibério C M. **“Sustainable Design in Communities Producing Arts and Crafts: an experience in Cabo de Santo Agostinho, Pernambuco – Brazil”**. Artigo aprovado para apresentação e publicação nos anais do I International Symposium on Sustainable Design, Curitiba, 2007.
- CAVALCANTI, Virginia. P.; CAMPOS, C.; ANDRADE, Ana Maria Queiroz de ; SILVA, Germanya D Garcia de Araújo ; CORDEIRO, E. J. D. . **Ergonomia e design: soluções para implementação de melhorias na produção de cerâmica artesanal do Cabo de Santo Agostinho**. In: 7^º ERGODESIGN, Balneário Camboriú, 2007
- CAVALCANTI, Virginia. P.; ANDRADE, Ana Maria Queiroz de; SILVA, Germanya D Garcia de Araújo; CORDEIRO, E. J. D. **Tecnologia como argumento de competitividade: a vitrificação de produtos em cerâmica artesanal**. In: P&D Design 2010 - 9^º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, São Paulo, 2010
- D’GARCIA, Germanya ; CAVALCANTI, Virginia. P.; ANDRADE, Ana Maria Queiroz de, SANTOS FILHO, P. B. ; CORDEIRO, Erimar . **Refugio industrial como insumo para a cerâmica artesanal: uma alternativa sustentável para o artesanato do Cabo de Santo Agostinho - Pernambuco**. In: P&D Design 2008 - 8^º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, São Paulo, 2008
- DEMO, Pedro. **Metodologia do Conhecimento Científico**. São Paulo: Atlas, 1995.
- FISHER, Tânia; SOARES, Rodrigo. **Mestres em Artes e Ofícios Populares**. Salvador: UFBA, CIAGS, 2010.
- FREITAS, Sônia M de. **História Oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Associação Cultural Humanitas, 2006.
- HALBWACHS, Michael. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- IDIS – Instituto para o Desenvolvimento do Investimento social. **Glossário de Termos Sociais**. São Paulo: IDIS, 2010.
- LIRA, Flávia Wanderley. **O que guardam os potes? Um olhar sobre a cerâmica artesanal do Cabo de Santo Agostinho**. Recife: Monografia de graduação em design UFPE, 2007
- MANZINI E; VEZZOLLI, C. **O Desenvolvimento de Produtos Sustentáveis**. São Paulo: Editora da USP, 2005.

REALIZAÇÃO:



FUNCULTURA



SECRETARIA DE CULTURA

INCENTIVO:



GOVERNO DO ESTADO
Pernambuco
JUNTOS, FAZEMOS MAIS.

MARTINS, José de S. **Sociologia da Fotografia e da Imagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

PINEZI, Ana K; MENEZES, Marilda A; CAVALCANTE, Alexandre S. **Memória de Idosos: as narrativas em diversos espaços de interação social**. Revista Civitas. v.14 n.2. (2014). Edição Narrativas Teorias e Métodos. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC/RGS, Porto Alegre, RGS, 2004.

PNDA – Programa Nacional de Desenvolvimento do Artesanato. **Encontro Regional de Cerâmica “Mãos no Barro”** Relatório Final do Encontro, Brasília, novembro de 1987.

SEBRAE Nacional. **Artesanato Design e Mercado: Prêmio Top 100 Sebrae 2006 1ª Edição**. Brasília: Sebrae, 2007.

SEBRAE Nacional. **Prêmio Top 100 Sebrae 2ª Edição**. Brasília: Sebrae, 2009.

SEBRAE Nacional. **Artesanato: um negócio de muitas culturas. Prêmio Top 100 Sebrae 3ª Edição**. Brasília: Sebrae, 2012.

SILVA, Germannya D’Garcia de Araújo; CORDEIRO, E. J. D.; CAVALCANTI, Virginia. P.; ANDRADE, Ana; BOTELHO, Vinicius Simões. **Tornos cerâmicos: melhorias ergonômicas no equipamento agregando valor à cultura local**. In: ABERGO 2008 - 15º Congresso Brasileiro de Ergonomia, Porto Seguro, 2008

SILVA, Ana Carolina dos Reis. **Utilitários cerâmicos de mesa para uma culinária contemporânea**. Caruaru: Monografia de graduação em design UFPE, 2009.

SILVA, Ana C; CORDEIRO, Erimar J; ANDRADE, Ana Q. **Desenvolvimento Tecnológico da Cerâmica Artesanal do Cabo de Santo Agostinho: um diálogo entre tradição e inovação**. Artigo apresentado no 10º P&D Design, São Luiz, 2012.

SILVA, A. C. R.; ANDRADE, Ana Maria Queiroz de; CORDEIRO, E. J. D.; SILVA, G. D. G. A.; CAVALCANTI, Virginia. P. **Desenvolvimento Tecnológico da Cerâmica Artesanal do Cabo de Santo Agostinho: um diálogo ente a tradição e inovação**. In: 55 Congresso Brasileiro de Cerâmica, Ipojuca, 2011.

SOARES, Rodrigo; FISHER, Tânia. **“Aqui Aprendeu da Mãe que Aprendeu da Mãe”: memórias significados do artesanato no território do sisal/Bahia**. Artigo apresentado no EnANPAD 2010. Rio de Janeiro, 2010.

TABOSA, Tibério C M; CABRAL, Glenda Gomes; TSCHÁ, Elizabeth Regina. **“Empreendedorismo Social Transformador: o caso da ação do Projeto Imaginário Pernambucano na comunidade artesanal do Cabo de Santo Agostinho/PE”**. Artigo apresentado. XXI EnANPAD, Rio de Janeiro, 2007.

TABOSA, Tibério C. M.; “TSCHÁ, Elizabeth R.; CABRAL, Glenda G.; PAIVA JUNIOR, Fernando G. **“Redes Sociais, Dádiva e Cooperação na Intervenção Social Transformadora: o caso do Projeto Imaginário Pernambuco-Brasil”**. Artigo apresentado. IV Congresso Mundial de Administração, Coimbra, 2007.

TABOSA, Tibério C M; CAVALCANTI, Virginia P; ANDRADE, Ana M Q; CABRAL, Glenda G. **“Application of the Triple Top Line Model in the Critical Analysis of a Methodology that Takes a Social Approach to Design: the university laboratory called The Imaginary, Recife/PE, Brazil”**. Artigo apresentado. Cumulus Shanghai Conference 2010 – Young Creators for Better Life, Shanghai, 2010.

THIOLLENT, Michel. **Pesquisa-ação nas Organizações**. São Paulo: Atlas, 1997.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1988.

UNESCO. **Artesanía: guia metodológica para la captación de la informacion**. Paris: UNESCO, 1994.

VERGARA, Sylvia C. **Métodos de Pesquisa em Administração**. São Paulo: Atlas, 2008.

YIN, Robert. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. São Paulo: Bookman, 2001.

REALIZAÇÃO:



FUNCULTURA



SECRETARIA DE CULTURA

INCENTIVO:



GOVERNO DO ESTADO
Pernambuco
JUNTOS, FAZEMOS MAIS.